

# OS “ERROS” DE *ERROS E TÁNATOS*

**Elisabete Ramos**  
Universidade de Vigo

Para falar da tradução do galego ao português vou centrar-me na minha tradução portuguesa da obra galega *Erros e Tánatos* de Gonzalo Navaza, mais concretamente nos “erros” de *Erros*, isto é: em todas as incoerências ou erros que encontrei na obra original, na minha tradução e também nas emendas da editora, por esta ordem. São erros com características “camaleónicas” porque tiveram a capacidade de se “camuflar” perante as inúmeras leituras quer minhas, quer do autor, quer da editora, chegando até ao leitor sem serem detectados até agora. Pretendo, assim, contribuir para umas próximas edições mais coerentes e correctas e nunca desvalorizar os trabalhos do ilustre autor e da notável editora que têm a minha maior admiração.

Começo por fazer referência às incoerências que aparecem no original (9.<sup>a</sup> edição da Xerais):

–No conto “O teste do alfinete” a personagem principal, um aspirante a detective, desconfia das intenções de dois panamenses e consegue apurar (pág. 82) que um se chama Simplicio Woodehouse e o outro Nelson Antonio Michelena. Porém, na página seguinte o protagonista, ao vasculhar o correio destes dois, depara-se com um postal suspeito endereçado a Nelson Woodehouse (nome formado pelo nome de um e pelo apelido do outro). De facto, este era o nome original de uma das personagens que, ao ser posteriormente alterado cruzando o nome de uma com o apelido da outra foi deixado por esquecimento.

–Mais à frente, no mesmo conto, o detective descobre que a imagem desse mesmo postal incorpora uma mensagem em código secreto. Aí, o leitor depara-se com 3 linhas de símbolos que é incapaz de decifrar. Só no fim do conto, já a desesperar de curiosidade, é que aparece outra mensagem, esta agora de 6 linhas, e que, para satisfação do leitor, vem acompanhada da respectiva tradução em castelhano.

Esta mensagem levantou um dos maiores problemas da tradução porque a situação de bilinguismo existente na Galiza que permite a perfeita compreensão das frases em castelhano não se verifica em Portugal e um português medianamente culto poderia não entender toda a mensagem enviada aos panamenses: «El vecino del segundo / ha vuelto a husmear / en el buzón / desháganse de él / antes del domingo / Dragón» (pág. 86). Assim, por iniciativa do autor, adaptou-se ligeiramente substituindo os termos menos conhecidos por outros equivalentes de modo a que qualquer português pudesse reconhecê-los e entender a mensagem. O resultado foi: «El vecino del segun-

do / volvió a revolver / en la caja del correo / desembarácese de él / antes del domingo / Dragón» (pág. 82).

Com esta frase decifrada, o leitor curioso volta atrás para, a partir da correspondência símbolo/letra, saber afinal o que dizia a primeira. Assim, poderá chegar a “sábado”, depois dois símbolos que não aparecem na frase anterior e que muito provavelmente farão referência ao dia, a seguir “envío sin falta”, mais dois grupos de dois símbolos cujo último corresponde a um “g” e se pode deprender que se trata da quantidade e da abreviatura de quilograma, finalizando com mesma assinatura “Dragón”. Também esta frase sofreu uma ligeira adaptação porque no original aparece “remesa” (pág. 84) em vez de “envío sin falta” (pág. 80). O que se torna curioso aqui é que por duas vezes os panamenses recebem na sua caixa do correio uns envelopes almofadados que o detective através do “teste do alfinete” comprova contem cocaína. Creio que o primeiro que ocorre quando se decifra a mensagem é pensar como receberiam eles pelo menos 10 kg de cocaína na caixa do correio!

—O conto seguinte, “Balangandã”, provoca a surpresa dos portugueses quando a personagem principal, Adela, levanta numa só noite 500 euros numa caixa automática para pagar um balangandã quando em Portugal o valor máximo permitido levantar por dia é de 400! Note-se que no original ainda aparece em pesetas (70, pág. 101), contudo, na tradução, este valor já aparece actualizado em euros e com a respectiva inflação (500, pág. 97).

—Por fim, em “Cem pesetas de prata” também foi necessário converter os “pesos” em “pesetas” para que o leitor português pudesse ter noção do valor em questão. Neste conto enumeram-se as semanas em que um falso ourives vai a uma taberna comprar pesetas de prata e no texto a terceira semana aparece, por lapso, referida duas vezes: «á terceira semana, cando pasou o Quintá de novo, tiña Laureano cerca de oitenta moedas para venderlle» e mais à frente «Á terceira semana xa deu xuntado duascenas ou máis» (pág. 121).

Naturalmente, a tradução (1.<sup>a</sup> edição da Deriva) apresenta melhorias pois todas estas incongruências aparecem corrigidas intencionalmente, contudo, aí também figuram outras alterações não intencionais. Algumas das falhas que cometi foram, felizmente, detectadas a tempo pelo Gonzalo ou pela editora e destas posso citar a mais interessante causada por um falso amigo:

—No conto “Viva a revolução” deparamo-nos com a situação de vários estudantes que se encontram na esquadra da polícia e dois relatam que foram apanhados a desenrolar um cartaz (a editora preferiu “colar”, pág. 111) só que na minha primeira tradução, traída pelo falso amigo “despregar”, eu mantive o mesmo verbo que em português, para além de significar “desenrolar” também tem o sentido de “arrancar” e torna a frase ambígua. Na tradução entre o galego e o português toda a atenção aos falsos amigos é pouca pois a extrema

proximidade entre o galego e português proporciona um excesso de confiança em que «a lingua materna actúa coma un filtro que, sobre a base dos seus propios significantes, *decanta* os significados da lingua estranxeira» (Álvarez, 1997, p. 28). Alguns exemplos de falsos amigos lexicais que detectei no texto foram por exemplo:

- gl. “vaso” (pág. 37): pt. “copo” (pág. 39) ≠ “recipiente para plantar plantas”,
- gl. “xantar” (pág. 48): pt. “almoçar” (pág. 48) ≠ “refeição da noite”,
- gl. “almorzar”(pág. 64): pt. “tomar o pequeno-almoço” (pág. 65) ≠ “refeição do meio-dia”,
- gl. “balcón” (pág. 81): pt. “varanda” (pág. 77) ≠ “móvel para atendimento ao público”,
- gl. “despacho” (pág. 81): pt. “escritório” (pág. 77) ≠ “ofício” ou “desembaraço”,
- gl. “taller” (pág. 83): pt. “oficina” (pág. 80) ≠ “conjunto de colher, faca e garfo”,
- gl. “lámpada” (pág. 94): pt. “candeeiro” (pág. 90) ≠ “terminal eléctrico luminoso”,
- gl. “caixón” (pág. 120): pt. “gaveta” (pág. 112) ≠ “caixa que envolve os mortos”,
- gl. “preto” (pág. 9): pt. “perto” (pág. 13) ≠ “negro”, etc,

para além de outros de tipo sintáctico:

- gl. “vira” (pág. 69): pt. “tinha visto” (pág. 67), etc,

ou morfológico:

- gl. “a postal” (pág. 83): pt. “o postal” (pág. 80),
- gl. “a calor” (pág. 95): pt. “o calor” (pág. 92), etc.

–Uma alteração que introduzi no texto traduzido (inadvertidamente, claro!) foi o numeral “dois” (pág. 20) no sintagma “nos últimos meses” (pág. 16) que figura na primeira história a propósito de um alemão que se faz passar por psiquiatra ao informar que a sua suposta paciente tinha revelado melhorias nesses últimos meses.

–Na expressão “críticos e estudiosos” do original (pág. 45) que aparece em “Tinta da China” omiti-lhe involuntariamente a conjunção (pág. 46) e, na mesma história, mantenho o substantivo “romancista” (págs. 49) quando deveria estar traduzido por “novelista”. “Novela” é, deste modo, outro “inimigo” a ter em atenção.

–No quinto conto esqueço-me do diminutivo de “semaninha” (págs. 60), no sétimo do acento do pronome castelhano “él” (pág. 83) e no último

há uma gralha faltando o “s” do artigo definido do sintagma “todas as semanas” (pág. 111), faltas que a editora igualmente não detectou.

Por fim, outro tipo de erro é o introduzido pela editora. A verdade é que ela substituiu algumas das minhas opções e, neste aspecto, só teria gostado de conhecer o texto definitivo antes de ele ser editado e não ter de adquirir o livro para ver o resultado final. As formas preteridas tiveram, na sua maioria, a ver com as opções mais “nortenas” da minha parte que pretendia ser coerente com o tipo de léxico do autor e mais “sulistas” ou normativas pela parte da editora. Por exemplo, o verbo “enxergar” (págs. 14, 60, 70, 94) foi diversas vezes substituído pelos verbos “ver” (pág. 18), “observar” (pág. 61, 68) ou “avistar” (pág. 90), o “apartar” (pág. 15, 40) pelos “retirar” (pág. 20) ou “afastar” (pág. 43) e o substantivo “moço/a” (pág. 46, 91) pelo “jovem” (pág. 45, 87). De referir também que a expressão “arca do peito” (pág. 22), empregue inclusivamente por Torga nos seus *Bichos* (pág. 25), ficou reduzida a “peito” (pág. 25). Queria salientar que, na maioria das vezes, o texto não ficou a perder com as escolhas da editora, contudo, outras houve em que não sou da mesma opinião. Por exemplo a tradução que propus para “calçado” foi “queimado”, porém a editora preferiu “destilado”, que, sinceramente, não me parece o termo mais adequado para traduzir o estado de extrema embriaguez. Depois também figuram aqueles que efectivamente se consideram erros. Entre eles estão:

–No sétimo conto, traduzem “daríase de alta como profissional” (pág. 81) por “reformatar-se-ia como profissional” (pág. 77) quando essa realidade corresponde exactamente ao contrário, ou seja, a “colectar-se-ia como profissional” ou “daria entrada como profissional”.

–No conto seguinte, “Balangandã”, optam por trocar o nome da “praça das Mercedes” (págs. 90, 97, 99, 100) por “praça da Trindade” (págs. 87, 96 e 97) que é como se passa a chamar a praça onde vive Adela, à excepção de na pág. 94 onde ainda aparece a morar na praça das Mercedes, por lapso.

–Outro problema que se nos deparou foi o tratamento que deveriam ter os antropónimos: eu mantive-os sempre na sua forma original, a editora, porém, quando estes coincidiam formalmente com nomes portugueses, acentuou-os à portuguesa. Assim: “Amália” (pág. 62) (caso contrário os leitores leriam “Amalia”), “António” (pág. 39) e “Eládio” (pág. 107). Contudo, “Hermínio” aparece na mesma página (108) duas vezes acentuado de acordo com as normas de acentuação do português e outras duas de acordo com as do galego normativo. Incoerentemente, estas normas seguem também os nomes “Rosalía” (pág. 48), “María” (pág. 77) e “Emilio” (págs. 48 e 100).

–Quanto aos topónimos eu também os deixei na forma original assim como a editora que adoptou, porém, a acentuação portuguesa. Assim “Coruña” (pág. 75), “Ulla” (pág. 55), mas depois “Vilagarcia” (págs. 117, 118) e “Arzua” (pág. 116). Exceptua-se “Algalia de Abaixo” (pág. 50).

–A assinalar ainda a acentuação indevida de “caidinha” (pág. 87) e algumas translineações mal feitas como inter-essado (pág. 50), assa-ssinado (pág. 76) ou par-alisado (pág. 106) que, por vezes, os computadores não reconhecem.

Reitero que, apesar de só estar a referir-me ao que ficou menos bem, todo o restante me parece que resultou de forma totalmente positiva e satisfatória. Para fazermos um balanço geral desta tradução queria também referir uma breve estatística que efectuei no conto “o amigo Delmiro”, que vem demonstrar a enorme convergência entre o galego e o português. Este conto é constituído por 2045 palavras no original e 2116 na minha tradução. Em 90% deste texto foi feita uma tradução palavra-por-palavra, em metade da qual as palavras não sofreram qualquer alteração ortográfica. Assim, apenas em 10% do conto houve que recorrer a outros procedimentos técnicos como a tradução literal (gl. “comprar un calzado” (pág. 36): pt. “comprar calçado” (pág. 37)), a transposição (gl. “ladeado” (pág. 36): pt. “de lado” (pág. 37)), a equivalência (gl. “fíxolle as do demo” (pág. 39): pt. “fez-lhe 30 por uma linha” (pág. 41)), etc. Este valor vai ser seguramente um pouco mais elevado nos outros contos uma vez que o escolhido foi o que apresentou menos dificuldades de tradução, pois desenrolando-se a acção no maior país de língua materna portuguesa, o Brasil, a estrutura frásica e o léxico não foram escolhidos ao acaso pelo autor. Estou certa de que não poderíamos proceder da mesma forma com nenhuma outra língua.

Queria ainda expressar que a pontuação também suscitou algumas divergências entre o autor e a editora, uma vez que também esta obedece a factores de tradição gráfica, havendo, por vezes, a necessidade de reconstrução de períodos e verificando-se uma maior necessidade de pontuar pela parte da editora que pela do autor.

Para terminar, gostava de salientar que a equivalência foi dos processos técnicos da tradução que mais interessante me pareceu e que se reflecte na tradução de algumas expressões idiomáticas:

- gl. “entregado á nugalla” (pág. 9): pt. “sem mexer uma palha” (pág. 14),
- gl. “caín da burra” (pág. 18): pt. “caí em mim” (pág. 22),
- gl. “fíxolle as do demo” (pág. 39): pt. “fez-lhe 30 por uma linha” (pág. 41),
- gl. “mandala para o outro [barrio]” (pág. 80): pt. “mandá-la desta para melhor” (pág. 76),
- gl. “bota-lo caldeiro ó pozo” (pág. 82): pt. “lançar a isca” (pág. 78),
- gl. “ir despedíndote da idea” (pág. 96): pt. “ir tirando o cavalinho da chuva” (pág. 93),
- gl. “botar pestes” (pág. 106): pt. “dizer cobras e lagartos” (pág. 100),
- gl. “picaches coma un parvo” (pág. 126): pt. “caíste que nem um patinho” (pág. 118), etc.

Passados quase dois anos podemos comprovar que a obra está a ter um bom acolhimento pela parte do público português apesar de tanto o autor como a tradutora serem dois desconhecidos e da editora ser recente e ainda ter pouca projecção a nível nacional. Que este facto sirva de incentivo a novas e boas traduções.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ÁLVAREZ LUGRÍS, A. 1997. *Os falsos amigos da traducción*. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo.
- NAVAZA BLANCO, G. 1996. *Erros e Tánatos*. Vigo: Xerais.
- *Erros e Tanatos*. Tradução portuguesa de Elisabete Ramos. Porto: Deriva Editores, 2003.
- TORGA, M. 1940. *Bichos*. Coimbra: edições do autor.

### **BIBLIOGRAFÍA**

- BARBOSA, H. *Procedimentos técnicos da tradução - Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- MAGALHÃES, F. *Da tradução profissional em Portugal*. Lisboa: Colibri, 1996.
- PALACIOS, I e SEOANE, E. *Aprendiendo y enseñando a traducir*. Santiago de Compostela: Instituto de Ciencias de Educación da Universidade de Santiago de Compostela, 2000.